

## **ENTRE O RURAL E O URBANO: O CRESCIMENTO DA CIDADE DE SÃO PAULO E A RELAÇÃO COM A NATUREZA NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX E INÍCIO DO XX.**

Eduardo Luiz Fortti<sup>1</sup>

**Resumo:** Esse trabalho tem como objetivo entender a mistura entre o rural e o urbano no cotidiano dos moradores da cidade de São Paulo na virada do século XIX para o XX. Para compreender esse cotidiano foi necessário observar o grande crescimento populacional, entender a diversidade de origens desses novos moradores da cidade e como sobreviviam. Além de apresentar como o rural e o urbano estavam próximos no cotidiano do paulistano e de como eles se relacionavam com as áreas verdes, rios e animais tão presentes na vida dos moradores da cidade, que muitas vezes eram vistos como grandes incômodos e atraso, mas também como um meio de sobrevivência para os menos abastados.

**Palavras-chaves:** Natureza; Rural e Urbano; História Ambiental

## **BETWEEN THE RURAL AND THE URBAN: THE GROWTH OF THE CITY OF SÃO PAULO AND THE RELATIONSHIP WITH NATURE IN THE PASSAGE FROM THE 19TH CENTURY TO THE BEGINNING OF THE 20TH CENTURY.**

**Abstract:** This text aims to understand the mixture between the rural and the urban in the daily lives of the residents of the city of São Paulo at the turn of the 19<sup>th</sup> to the 20<sup>th</sup> century. To understand this daily life, it was necessary to observe the great population growth, understand the diversity of origins of these new residents of the city how they survived. In addition to presenting how rural and urban were close in daily life of São Paulo and how the related to the green areas, rivers and animals so present in the lives of city dwellers, which were often seen as major inconveniences and backwardness, but also as a means of survival for the less affluent.

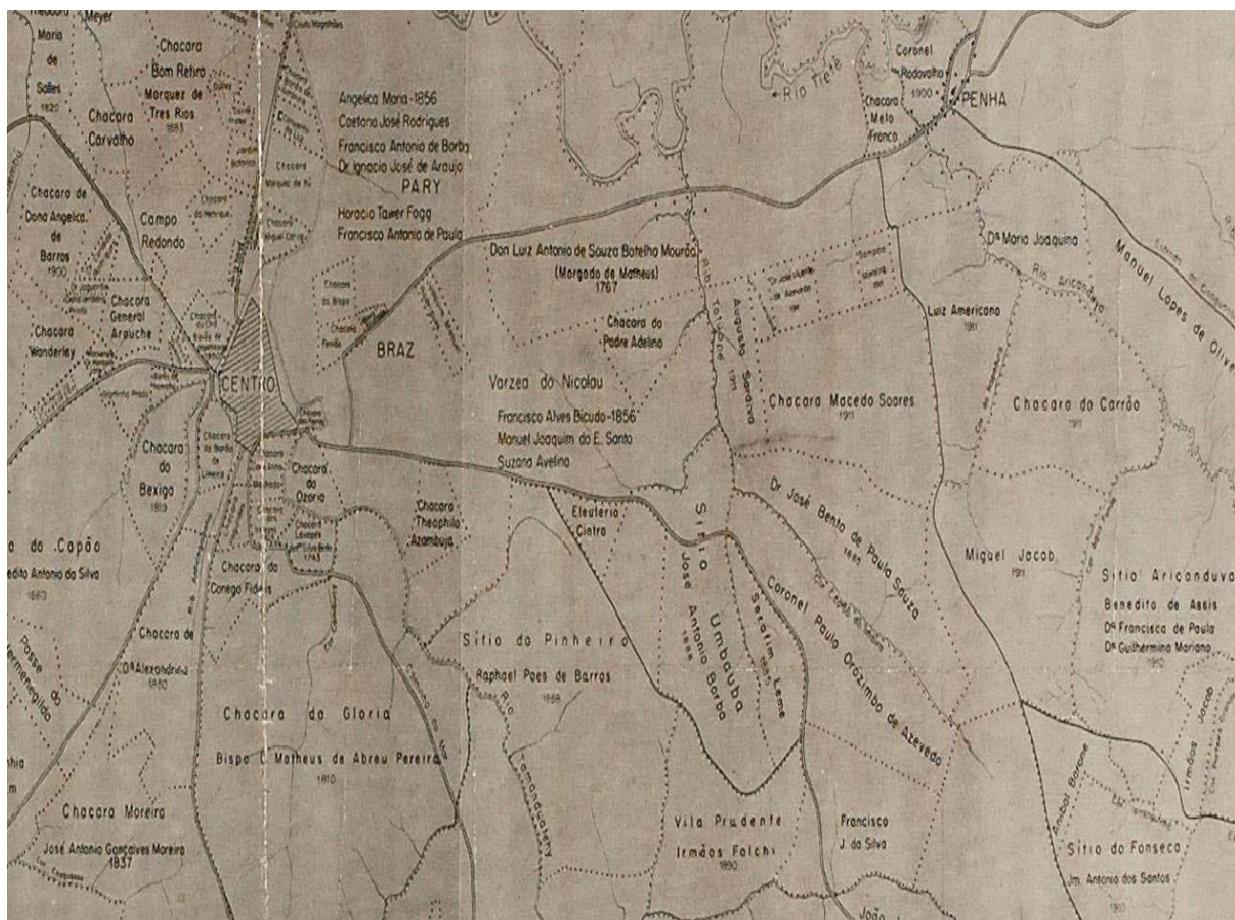
**Keyword:** Nature; Rural and urban; Environmental history.

---

<sup>1</sup> Professor e mestre em história pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) (<http://lattes.cnpq.br/8199552286690561>). E-mail: eduardo.fortti@hotmail.com

Ao observarmos a cidade de São Paulo no final do século XIX e início do XX, podemos perceber um núcleo urbano rodeado por áreas verdes, chácaras, sítios e fazendas. Esses locais produziam e forneciam produtos, como lenha, para as famílias na área central. Ao longo do tempo, essas fazendas e áreas verdes foram desaparecendo com o crescimento urbano.

**Mapa 1:** “Pormenor do mapa São Paulo - chácaras, sítios e fazendas ao redor do centro, desaparecidos com o crescer da cidade. Escala 1:20.000, s/d, Acervo do Museu Paulista



**Fonte:** Mapa extraído do trabalho de REIS, Phillippe Arthur dos. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. 2017. p. 39.

Além de o núcleo urbano conviver com as áreas verdes em seu entorno. A natureza também se fazia muito presente com “as variações de luz solar e intensidade da escuridão” e no cultivo da terra de acordo com as estações do ano<sup>2</sup>. Ao lermos o memorialista Jorge Americano, que será citado ao longo do texto, podemos perceber que ele descreve São Paulo, uma cidade emergente na industrialização e no progresso, mas que ainda buscava superar uma “época em que diversas ruas ainda eram parcialmente cobertas de capim”<sup>3</sup>.

Revela-se, assim, uma cidade em que os limites entre o rural<sup>4</sup> e o urbano ainda são muito tênues, em que aspectos da vida campestre ainda se encontram presentes numa realidade cada vez mais urbanizada, em que a natureza se faz parte integrante do cotidiano de sua população.

Neste sentido, o historiador Nelson Aprobato Filho constata que

a capital do início do século XX era ainda uma cidade com inúmeros pontos com características rurais, apresentando casas com enormes quintais de terra e jardins, chácaras e sítios; externamente, não muito distante da zona central, grandes áreas cobertas de matas e bosques circundavam a região urbana [...].<sup>5</sup>

Assim, a presença da natureza, que remetia a uma região ainda com muitas características rurais, estava muito presente na memória de Americano, muito embora já fosse possível vislumbrar o processo de

---

<sup>2</sup> SANT'ANNA, Denize Bernizzi de. Cidade das Águas: uso de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. P.22

<sup>3</sup> IDEM. p.40.

<sup>4</sup> Nelson Aprobato Filho, em sua tese de doutorado, trabalha com os conceitos “rural” e “urbano”, que podemos interpretar aqui como “rural” sendo o que remetia para algo colonial e atrasado para época E nesse caso, podemos incluir, animais, áreas verdes, insetos e veículos de tração animal deveriam ser superados pela modernização de uma “progressista” cidade. APROBATO FILHO, Nelson. O couro e o aço sob a mira do moderno: a “aventura” dos animais pelos “jardins” da Paulicéia final do século XIX/início do XX. São Paulo, Tese Doutorado, Universidade de São Paulo, 2006. p. 10 e 183

<sup>5</sup> IDEM. p. 183.

urbanização cada vez mais intenso, a alterar paulatinamente o cenário da cidade e o cotidiano de seus moradores:

Perdi o sono em razão da febre, passei a noite agitada e pus-me a interpretar os ruídos. Escutam-se grilos e sapos. Devem ser daquele terreno que está para vender.

Bateu o relógio da sala de jantar e soaram quase ao mesmo tempo os da Estação da Luz, do Coração de Jesus e do São Bento. Também de dia eu já os escutara.<sup>6</sup>

No mesmo sentido, continua:

Minha mãe entrou com uma vela, pôs a mão na minha testa, arranjou-me as cobertas e acreditou que eu estava dormindo.

Eu escuto bem o apito da locomotiva da Sorocabana, mais agudo do que o da Inglesa.

Mas minha mãe não acreditou que eu estivesse dormindo. Voltou com a vela e um termômetro.

O galo da nossa casa fez uma pergunta estridente, batendo as asas, e todos os outros responderam. Até o peru do vizinho, que, se não for furtado esta noite, terá que ser morto amanhã, véspera de Natal. E o peru recomeça, ao ranger do novo bonde elétrico da Barra Funda, que faz a curva da Rua Santa Efigênia com a Rua Duque de Caxias, batendo campainha.<sup>7</sup>

E ainda, completa:

Minha mãe trouxe uma xícara de leite quente e recomendou-me que dormisse, mas a luz cinzenta já atravessa as frestas, e eu ouço outra vez o esfregar das cobertas da cama quando mudo de posição. Escuto piados quase mudos que se vão convertendo em cantos de pássaros nas árvores e nas gaiolas dos vizinhos.

O cincerro da vaca do leiteiro.

---

<sup>6</sup> AMERICANO, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895–1915). São Paulo: Editora Saraiva, 1957.p.186.

<sup>7</sup> IDEM. p.46.

As campainhas das cinco cabras de ubres enormes, que berram puxando cada uma para seu lado.

Os apitos das fábricas. 'Aquele mais fino deve ser da chaminé fininha, do lado do Bom Retiro. Aquele ronco deve ser da chaminé grossa, do lado do Brás'<sup>8</sup>

A partir dessas passagens do memorialista Americano, podemos vislumbrar o momento de profundas transformações socioculturais, econômicas e ambientais pelas quais a capital paulista passava, com a emergência de uma sociedade burguesa.

É importante evidenciar, que enxergo para as passassem dos memorialistas com o cuidado exigido no trabalho de um historiador. É necessário salientar que muitos memorialistas pretendem, com seu discurso, inserir a capital paulista na modernidade, destacando os aspectos urbanos que caracterizavam a cidade como uma metrópole moderna, assim, “deixando um silêncio quase absoluto em relação aos bairros operários”<sup>9</sup>.

Esses cuidados são necessários porque “os relatos privilegiam certas regiões e certos aspectos da cidade, por outro, a Paulicéia que desejam construir emergente com um espaço homogêneo e isento de conflitos”<sup>10</sup>. Sendo assim “nesses discursos da cidade construída por eles parece não existir embate e controle sociais, como se nela não houvesse problemas como greves, furtos, estupros, assassinatos e outros tipos de contravenções”<sup>11</sup>.

Neste período, assiste-se no Brasil, e mais especificamente na cidade de São Paulo, a um processo de desenvolvimento econômico, urbanização e modernização. Para muitos historiadores e historiadoras “o sucesso da produção cafeeicultora paulista trouxe para São Paulo outros benefícios, pois

---

<sup>8</sup> IDEM. p.47.

<sup>9</sup> BREFE, Ana Cláudia Fonseca. *A cidade inventada: A Paulicéia Construída nos Relatos Memorialistas (1870- 1920)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1993. p.89

<sup>10</sup> IDEM. p.90.

<sup>11</sup> IDEM.

começou a atrair os produtores que fixaram residência na cidade, impulsionando assim o comércio local e ampliando o crescimento do setor de serviços da economia urbana.”<sup>12</sup>. Mas podemos lembrar que “não foi o café em si, mas a estrutura social organizadora dessa atividade agrária que possibilitou seu amplo êxito”<sup>13</sup> para o desenvolvimento de São Paulo.

Esses fenômenos ocorriam paralelamente ao processo de abolição da escravatura, que criava a necessidade de substituição da mão de obra escrava pela livre, estimulando, dessa forma, as ondas migratórias e imigratórias em direção à Paulicéia. Também é importante lembrar que a infraestrutura desenvolvida foi montada com capital arrecadado pelo Estado, “sobretudo pelo comércio e exportação do café, mas também do algodão, do açúcar e de outros produtos agrícolas produzidos.”<sup>14</sup>.

Assim, diante de sua emergente prosperidade de modo conjunto a outros eventos de proporções nacionais e internacionais, a capital paulista tornou-se o destino de trabalhadores nacionais<sup>15</sup> e estrangeiros, incluindo “pessoas das mais diversas etnias, procedências e ascendências: brasileiros de todas as regiões, índios, africanos, americanos, europeus e asiáticos de vários países”<sup>16</sup>, além de libertos que se dirigiam em busca de empregos.

Esse grande crescimento da população da cidade “contribuiu para a expansão demográfica da capital paulista, pois não só imigrantes, mas também camponeses, fazendeiros e escravos forros passaram a

---

<sup>12</sup> CAMPOS, Cristina. A promoção e a produção de redes de água e esgoto na cidade de São Paulo, 1875-1892. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. V. 13, N 2, jul-dez 2005, p. 191.

<sup>13</sup> COSTA, L.A.M. *O ideário urbano paulista na virada do século. O engenheiro Thodoro Sampaio e as questões territoriais e urbanas modernas (1886 -1903)*. São Carlos: RiMa/Fapesp, 2003, p. 55. Apud CAMPOS, Cristina. Op. cit. p. 193.

<sup>14</sup> IDEM.

<sup>15</sup> O termo “nacional” empregado aqui é usado por Santos, op. cit. p. 25: “Onde encontrasse um grande número de pessoas pobres nacionais circulando pela cidade de São Paulo entre eles: caipiras, “preto veio”, carroceiros, quituteiras, vendedores de ervas e outros ambulantes. Muitos desses trabalhadores utilizavam a natureza paulistana como forma de sobrevivência na cidade.”.

<sup>16</sup> SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1895*. 4 Ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017. p. 34.

enxergar as principais cidades do Brasil como locais que proporcionariam a tão sonhada melhora nas condições de vida.”<sup>17</sup>. Esses trabalhadores pobres “que chegava[m] a São Paulo para tentar a vida nas fábricas ou lavouras de café” juntaram-se ao grupo de negros e outros “desclassificados sociais” que, desprovidos economicamente, amontoaram-se em cortiços insalubres, sem rede de água ou esgoto”<sup>18</sup>.

Os imigrantes desembarcavam aqui por inúmeros motivos, dentre eles a falta de trabalho e questões políticas<sup>19</sup>. A busca por imigrantes se dava, por “um lado, a população nacional inferiorizada e desqualificada em termos culturais, sociais, étnicos e vinculada aos horrores e à barbárie de aspectos de um passado que muito procuravam rejeitar – como a escravidão – e, de outro, os imigrantes europeus supostamente “qualificados” por serem relacionados ao modelo de civilização e desenvolvimento que se deseja seguir.”<sup>20</sup>.

Os imigrantes chegavam desenraizados, arrancados pela força ou pela aflição de seus lares e regiões de origem, transportados como gado através dos mares, negociados por “agentes de imigração” com preço fixo por cabeça, conforme a idade, sexo, origem e condições físicas, despejados em pontos infectos de endemias tropicais, sem instrução, sem conhecimento da língua, sem recursos, sem condições de retorno, reduzidos à mais drástica privação, para quem a penúria mesma lhes servisse de acicate ao trabalho e motivo de submissão<sup>21</sup>. Esperava-se que os imigrantes atendessem aos

---

<sup>17</sup> DOMENICIS, Bianca Melzi de. Os cortiços e o urbanismo sanitário de São Paulo no final do século XIX. São Paulo, Dissertação Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP, 2014. p. 13.

<sup>18</sup> IDEM.

<sup>19</sup> BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil. In: REIS, Daniel Aarão; DEMINICIS, Rafael Borges (Orgs). História do anarquismo no Brasil, vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2006. p. 161.

<sup>20</sup> IDEM. p. 41.

<sup>21</sup> SEVCENKO, Nicolau. Orfeu estático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 38 e 39

requisitos para o trabalho no Brasil, além de dar o exemplo por serem do continente idealizado no novo território em que desembarcavam<sup>22</sup>.

Sobre a chegada desses grupos e nas palavras de Maria Odila Leite da Silva Dias, “com o êxodo contínuo de colonos estrangeiros, principalmente italianos, que deixavam as fazendas para sobreviver de pequenos expedientes na cidade, a população desandou a embranquecer-se e a crescer – a partir do movimento que gravitava em torno da Hospedaria dos Imigrantes”. Com isso, prossegue, “as ruas modorrentas da antiga vila passaram a ser mais barulhentas, continuamente agitadas por pregões, carroças, a gente transitando a pé e com enormes balaios<sup>23</sup> .

Independentemente da origem, muitos imigrantes - e como destaca Michael Hall<sup>24</sup>, havia uma diversidade de origens, sendo italianos, portugueses, espanhóis, japoneses, sírio-libaneses, judeus e armênios - tinham um objeto em comum, que era a busca por melhores condições de vida no Brasil, onde pretendiam reeditar seu modo de vida. Neste sentido, Moura esclarece que “embora emigrados por conta do dinamismo econômico ou

---

<sup>22</sup> IDEM. P. 63

<sup>23</sup> DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. 2 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. P.15.

<sup>24</sup> Segundo Hall, “a imigração italiana em larga escala data, em São Paulo, da década de 1880, quando os fazendeiros começaram importando famílias de trabalhadores, sobretudo de Vêneto, para substituir seus escravos, cada vez mais refratários. Chegaram 144 mil italianos na Província de São Paulo entre 1880 e 1889, e mais 430 mil na década seguinte.”. E muitos “italianos se estabeleciam inicialmente na vizinhança das fábricas no Brás, no Bom Retiro, na Mooca e no Belenzinho.” (p. 124). Sobre “os portugueses eram o segundo contingente de imigrante em São Paulo (14.437 em 1893, 64.687 em 1920), até que ultrapassaram os italianos em 1940, quando seus 78.949 cidadãos formavam 6% da população da Cidade.” (p. 132). “Os portugueses entraram em maior número entre 1910 e 1914 (111.491), quando o governo do Estado procurava novas fontes de trabalho para as fazendas por causa das proibições da parte da Itália e da Espanha.” (p. 133). “Vindos da Espanha chegaram principalmente após 1900, formando o terceiro maior grupo de imigrantes para o Estado de São Paulo, 368.631 pessoas entre 1827 e 1936.” (p. 134). “A imigração japonesa começou em 1908 por uma coincidência de interesses” (p. 137). “Os sírios e os libaneses começaram a chegar no final do século XIX. [...] A crise que provocava a imigração atingiu a Síria e o Líbano, ainda partes do Império Otomano, nas últimas décadas do século XIX.” (p. 141). “Os imigrantes judeus em São Paulo desde o século XIX, mas as levas mais significativas chegaram nas primeiras décadas do século XX.” (p. 144). “Os armênios chegaram no final do século XIX.” (p. 147). PORTA, Paula (Org.). *Imigrantes na Cidade de São Paulo*. In: *História da Cidade de São Paulo*. V. 3: A cidade na primeira metade do Século XX. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

pela falta dele, italianos, espanhóis e portugueses esperavam encontrar na América um espaço para reeditar seu modo de vida. Isto fez com que o trabalho na lavoura cafeeira pudesse ser – para muitos deles – um primeiro passo para conseguir seus objetivos, dentre eles o de viver nas cidades.”<sup>25</sup>. E completa:

ao chegar à cidade, o primeiro impulso desse imigrante era tentar reconstruir a comunidade rural de origem, recompor um ambiente familiar em que a língua, os conterrâneos, os alimentos conhecidos lhe devolvessem o sentimento de segurança e de unidade que tinham ficado atrás, além do Atlântico. O bairro foi, nesse sentido, como que a colônia rural transporta para o contexto urbano, o núcleo de solidariedade grupal que fornecia proteção, tranquilidade interior, durante o período de aprendizagem da língua e das coisas da terra.<sup>26</sup>

Os trabalhadores nacionais, embora minoritários, contribuía para inchar a cidade, que vivenciaram “cotidianamente as transformações populacionais na Pauliceia”, sendo assim, “criaram e experimentaram formas de existência alternativas, representadas pelo modo como sobreviviam, manifestando-se culturalmente e interagiam com a ordem que se tentava construir, sendo, por isso, frequentemente considerados indesejados, indolentes e perigosos”<sup>27</sup>.

Assim, é inegável que a cidade nas últimas décadas do século XIX e na primeira década do XX viveu uma verdadeira revolução demográfica, com o grande aumento de habitantes experimentado em um curto espaço de tempo e num ritmo acelerado, com isso transformando seus habitantes, contribuindo na formação de uma população proletária de imigrantes.

Em um levantamento feito para entender São Paulo, Josianne Cerasoli apresenta os seguintes números: entre 1872 e 1900 a população de São Paulo foi multiplicada em cerca de oito vezes – de 31.385 a 239.820 – sendo

---

<sup>25</sup> MOURA, Soraya (Org.). Memorial do Imigrante. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008. p.102

<sup>26</sup> IDEM.

<sup>27</sup> SANTOS. op. cit. p.63 e 64.

o período de crescimento mais intenso registrado após 1890. Os distritos centrais mantiveram um crescimento relativamente proporcional ao todo, exceto o distrito de Santa Efigênia, que entre 1890 e 1893 registrou um aumento mais acentuado de sua população, passando de um quinto a um terço dos habitantes. Mais expressivos ainda foram os distritos do Brás e da região da Sé (Liberdade, Cambuci, Bela Vista, incluindo parte do distrito da Consolação), que correspondiam a porções bem diferentes do total de pedidos discutidos na Câmara: cerca de um quinto na década de 1870 e quase a terça parte na de 1890. Enquanto isso, a área central (o distrito de Santa Efigênia), onde habitava mais da metade da população da capital entre 1872 e 1893 (variando entre 58% e 55% do total), registrou um declínio dos requerimentos de 45% a 25% nessas duas décadas, respectivamente<sup>28</sup>.

A grande mudança demográfica pela qual a cidade passou no período trouxe novas questões, como a intensificação do desequilíbrio estrutural entre as oportunidades de trabalho e o número de trabalhadores economicamente ativos<sup>29</sup>.

Neste sentido, a historiadora Maria Inez Machado Borges Pinto descreve as novas relações de trabalho na cidade:

incapacidade estrutural da economia paulistana em acomodar amplos contingentes da classe trabalhadora disponível no processo produtivo, além de contribuir para o desemprego permanente de largas parcelas do proletariado urbano, influiu decisivamente no crescimento do mercado casual de trabalho e no aparecimento dos mais variados tipos de profissões autônomas. O aumento populacional súbito da cidade em decorrência do grande influxo imigratório não foi proporcional ao seu desenvolvimento econômico e às suas possibilidades de gerar empregos, o que ocasionou a ampla persistência do casualismo e do semi-emprego.<sup>30</sup>

---

<sup>28</sup> CERASOLI, Josianne Francia. Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX. Campinas, Tese Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004. P. 74

<sup>29</sup> PINTO, Maria Inez Machado Borges. Cotidiano e Sobrevivência. A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914). São Paulo: Edusp, 1994. P.37

<sup>30</sup> IDEM. p.111

Tudo isso significava um turbilhão de mudanças, rápidas e numerosas que aconteciam na cidade, nas palavras de Sevcenko:

[...] São Paulo não era de negros, nem de brancos, e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café, não era tropical, nem subtropical; não era ainda moderna, mas já tinha mais passado. Essa cidade que brotou súbita e inexplicavelmente, como um colossal cogumelo depois da chuva, era um enigma para seus próprios habitantes, perplexos, tentando entendê-lo como podiam, enquanto, lutavam para não serem devorados.<sup>31</sup>

Então, essa grande transformação que a cidade passou na virada para o século XX, o desenvolvimento da economia do café, a industrialização e as políticas migratórias transformaram a cidade no grande centro demográfico e econômico do Brasil.

O cotidiano dessa população era diversificado, com a elite econômica, que se inspirava na cultura Europeia para construir seu local de convívio, e uma grande massa de pessoas pobres que sobreviviam com o conhecimento da terra natal e com o que a cidade poderia oferecer.

Ademais, começam também a delimitar os bairros e seus moradores, como explica Rolnik, “desenhou-se aí o fundamento de uma geografia social da cidade, da qual até hoje não conseguimos escapar.”. A esse respeito, exemplifica:

o vetor Sudoeste, desenhado a partir do percurso Campos Elíseos/Higienópolis/Paulista, e que depois se completaria com os loteamentos da Cia. City no Jardim América, configura uma centralidade de elite da cidade, o espaço que concentra valores imobiliários altos, o comércio mais elegante, as casas ricas, o

---

<sup>31</sup> SEVCENKO. Op. cit. p. 31

consumo cultural da moda, a maior quantidade de investimentos públicos<sup>32</sup>

E prossegue explicando que

na primeira república a imagem dessa topografia social é feita de colinas secas, arejadas e iluminadas de palacetes que olham para as baixadas úmidas e pantanosas onde se aglomeram a pobreza. E nem poderia ser diferente, já que foram os olhos higienistas os responsáveis pelo desenho da geografia urbana que corresponde às hierarquias sociais.<sup>33</sup>

Assim,

ao mesmo tempo em que a lei alinhavou os territórios da riqueza, delimitou também aqueles onde deveria se instalar a pobreza. O movimento, desde seu nascimento, é centrífugo, ou seja, delimita as bordas da zona urbana, ou mesmo a zona rural, como local onde esta deveria se alojar. Diga-se passagem que a lógica de destinar as lonjuras para os pobres, assim como a de proteger os bairros exclusivos dos ricos, atravessou, incólume, nosso século.<sup>34</sup>

A respeito dos espaços reservados à população mais pobre, relata Sevcenko:

Dadas as condições vulneráveis das várzeas e as anfractuosidades dos rios que cingiam os arredores da cidade, bem como o sistema de represas e barragens da Light, mantidos sempre deliberadamente no seu nível máximo, qualquer precipitação mais intensa na estação chuvosa redundava em cheias que submergiam o casario humilde das planícies. Sua concentração nessa área se dava justamente pelos preços baixos dos terrenos e alugueis nas áreas alagadiças. Logo no início de janeiro de 1919, os temporais vieram com uma violência implacável. As enchentes foram torrenciais. Ao redor da

---

<sup>32</sup> ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997. (Coleção Cidades Abertas). p. 47.

<sup>33</sup> IDEM.

<sup>34</sup> IDEM.

área de confluência dos rios Tamanduateí e Tietê, densamente povoada, as consequências do dilúvio foram calamitosas.<sup>35</sup>

O bairro Campos Elíseos nasceu em uma região de chácaras, comprada e loteada, em 1878, por Frederico Glette e Victor Nothmann, com ajuda de Hermann von Puttkamen que projetou o primeiro bairro planejado da cidade, com ruas largas e ortogonais entre si. Era um bairro para a elite, recebendo principalmente os fazendeiros de café. Lembrando que onde hoje é a atual Praça Princesa Isabel realizavam-se corridas de cavalo em 1850<sup>36</sup>.

#### A busca por

homogeneizar os bairros da cidade significava criar espaços que dissociassem a riqueza da pobreza, o saudável do insalubre, o moral do imoral, em suma, a civilização da barbárie. No entanto, essa barbárie situava-se muito próxima ao centro metropolitano. Bairros como o Brás, Santa Ifigênia e Luz eram o habitat do operariado em massa. Os cortiços existentes nestes pontos da cidade resolviam, ao mesmo tempo, dois problemas do trabalhador pobre: um referente à valorização imobiliária inerente à cidade do café e da indústria, cidade destino dos mais diversos segmentos – da classe pobre, que almejava aplicar ali sua força de trabalho, e da classe mais abastada, que vinha do interior para acompanhar mais de perto seus negócios -, o que encarecia os alugueis, e outro referente à carência de transporte que ligasse a periferia ao centro urbano. A própria instabilidade do mercado de trabalho acentua a exploração do trabalhador e os obriga a habitar o centro da cidade, onde é possível procurar por trabalho casual todos os dias.<sup>37</sup>

A natureza também teve uma grande influência na formação dos bairros no final do século XIX, enquanto a parte urbana crescia, “riachos dos arrabaldes da cidade deram nomes a diversos bairros, tais como Água Branca, Tatuapé, Ipiranga, Lavapés, Barro Branco, Iguatemi, etc.”<sup>38</sup>. Antes deste período alguns já carregavam nomes com essa relação como o Pari,

---

<sup>35</sup> SEVCENKO. Op. cit. p. 29.

<sup>36</sup> Bairro dos Campos Elíseos. [Editor] Instituto Cultural Itaú. São Paulo: ICI, 1995. p. 9 e 11.

<sup>37</sup> DOMENICIS. Op. cit. p. 37.

<sup>38</sup> SANT'ANNA apud PORTO, Antonio Rodrigues. *História urbanística da cidade de São Paulo (1554 a 1988)*. São Paulo: Carthago & Forte, 1992. p. 76.

que era o nome de uma técnica de pesca, e Pacaembu, que remetia ao “córrego de pacas”<sup>39</sup>.

Diferente da classe alta que sai de casa para desfrutar do convívio social nos bares, teatros e restaurantes, as festas e batuques da população residente no Brás, Luz, Bom Retiro, Santa Ifigênia – bairros operários na São Paulo de fins do século XIX - acontecem dentro de casa, nos quintais dos cortiços, nos becos e ruelas que enlaçam a habitação popular e servem de palco para a música, a capoeira e a prostituição. Nesses bairros pobres há a construção desordenada e abundante de casebres, situados em ruas apertadas, irregulares e sujas, onde habita a população operária<sup>40</sup>.

Percebe-se que na cidade de São Paulo, entre o período da última década do século XIX e os primórdios do XX, o descompasso brutal entre o ritmo acelerado do seu crescimento demográfico e o febril desenvolvimento econômico contribuíram para o aumento extraordinário do mercado de trabalho casual na cidade<sup>41</sup>. A presença abundante dessas massas de trabalhadores pobres, imigrantes e nacionais, excedia largamente as necessidades do mercado, desvalorizando os salários e contribuindo para uma elevada taxa de desemprego permanente<sup>42</sup>. Nestas circunstâncias, a cidade mais inchava do que crescia, multiplicando a pobreza, numa escala sem precedentes, e gerando uma disponibilidade estrutural de mão-de-obra<sup>43</sup>.

A cidade que aparece no caminhar do século XX, “ao contrário da aldeia original, criteriosamente planejada segundo o ambicioso projeto

---

<sup>39</sup> SANT’ANNA, Denize Bernizzi de. Cidade das Águas: uso de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007. p. 31.

<sup>40</sup> DOMENICIS. op. cit. p. 35.

<sup>41</sup> PINTO. op. cit. p. 30 A historiadora Maria Inez Machado Borges Pinto utiliza como base para desenvolver seu estudo a incapacidade estrutural dos setores formais da economia. Inspirada no trabalho de JONES (1971) que estudou o trabalho urbano na sociedade vitoriana durante a segunda metade do século XIX.

<sup>42</sup> SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado: Suas Relações na Formação do Proletariado de São Paulo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1966. p. 30.

<sup>43</sup> PINTO. op. cit. p. 30

catequético dos jesuítas, a São Paulo moderna nasce de um motim dos fatos contra qualquer ética da prudência ou do bem-estar.”<sup>44</sup>

Esse furacão urbano e social é fundamental para entender determinadas relações da população paulistana com a natureza, em pontos específicos e seus conflitos. Assim, a engenharia e a arquitetura da cidade de São Paulo buscavam se alinhar às ideias higienistas, médicas e de nova educação, para se parecerem com as que eles visitavam no velho continente<sup>45</sup>, mas, por outro lado, empurravam a população pobre para as áreas de várzeas, próximas aos rios e córregos da cidade, locais renegados pelas elites por considera-los, sob a ótica higienista, insalubres e mais propícios à propagação de doenças, e, dessa forma, mais acessíveis economicamente, como já consignados acima.

Essa proximidade das camadas mais pobres da população com os cinturões verdes e rios fez com que a sua relação com a natureza fosse constante e cada vez mais necessária, constituindo a intersecção do rural com o urbano, ou, mais propriamente, da presença da natureza na cidade. Em razão disso, podemos vislumbrar que parte significativa da população paulistana buscava sua fonte de subsistência diretamente na natureza, recorrendo principalmente à caça, à pesca e à coleta.

Era junto a essa natureza que exerciam suas atividades, como as lavadeiras, que trabalhavam diariamente nas beiras do rio, os lenhadores, que exploravam as matas, etc. Nesses rios e córregos, onde os peixes eram abundantes, a prática da pesca tomou um ritmo muito acelerado no final do século XIX e início do XX, garantindo a subsistência de parcela significativa da população e facilitando o trabalho informal, uma vez que aqueles que tivessem sorte em pescar além de sua necessidade poderiam comercializar os excedentes<sup>46</sup>. A natureza também fornecia argila, areia e

---

<sup>44</sup> SEVCENKO. Op. cit., p. 41.

<sup>45</sup> SANT'ANNA. op. cit. p. 303.

<sup>46</sup> PINTO. op. cit. p. 96

pedregulhos para as construções das casas, que eram retiradas dos rios Tietê e Pinheiros<sup>47</sup>. Eram também nas matas e rios, presentes na cidade de São Paulo, que as crianças brincavam e os adultos desfrutavam de seus momentos de lazer. A natureza, ou seja, os rios, os animais e as áreas verdes, eram, portanto, inseparáveis da cidade e essencial ao seu cotidiano, sobretudo para os trabalhadores pobres.

Para os mais pobres a natureza da cidade também representava parte do seu lazer:

o uso das pontes como trampolins para molecada praticar a natação nos rios, como foi o caso, já no começo do século XX, da Ponte do rio Pinheiros, em frente à hoje rua Butantã, numa época em que a avenida Rebouças se chamava Itapiruçu. Antes dos anos republicanos, porém, a natação não era prática comum entre as paulistanas de família abastada. Para elas era considerado mais apropriado passear de barco e caminhar sobre pontes aos domingos.<sup>48</sup>

Muitos trabalhadores aproveitavam para praticar o futebol, o esporte bretão que na época era novo no Brasil, e com isso “os primeiros times populares começaram a aparecer em São Paulo na região da Várzea do Carmo”.

Os rios paulistanos, como citado, forneciam uma grande quantidade de matéria-prima como areia e pedregulho para o crescimento da cidade, com isso “pode-se dizer que, em grande medida, a construção vertical e em solo firme da capital paulista saiu de dentro dos rios”. Além de fábricas de cerâmicas, vidros, olarias, que retiravam do leito do Tietê, de suas várzeas e margens, a matéria-prima para suas produções<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> PINTO. op. cit. p. 27.

<sup>48</sup> SANT'ANNA. op. cit. p. 49.

<sup>49</sup> BRITO, F. Sartunino de. *Melhoramentos do rio Tietê em São Paulo: relatório apresentado ao sr. dr. Firmiano Pinto, Prefeito de São Paulo. São Paulo: Seção de Obras, 1926. p. 89.*

### **Os animais no convívio da cidade: transporte e incômodo.**

Na cidade de São Paulo, que não possuía uma divisão clara do que era o rural e o urbano, encontramos com destaque à presença dos animais, eles eram parte intrínseca da vida cotidiana da cidade de fins do século XIX ao início do século XX<sup>50</sup>. É necessário lembrar, que muitos desses animais também causavam incômodos para parte da população da cidade.

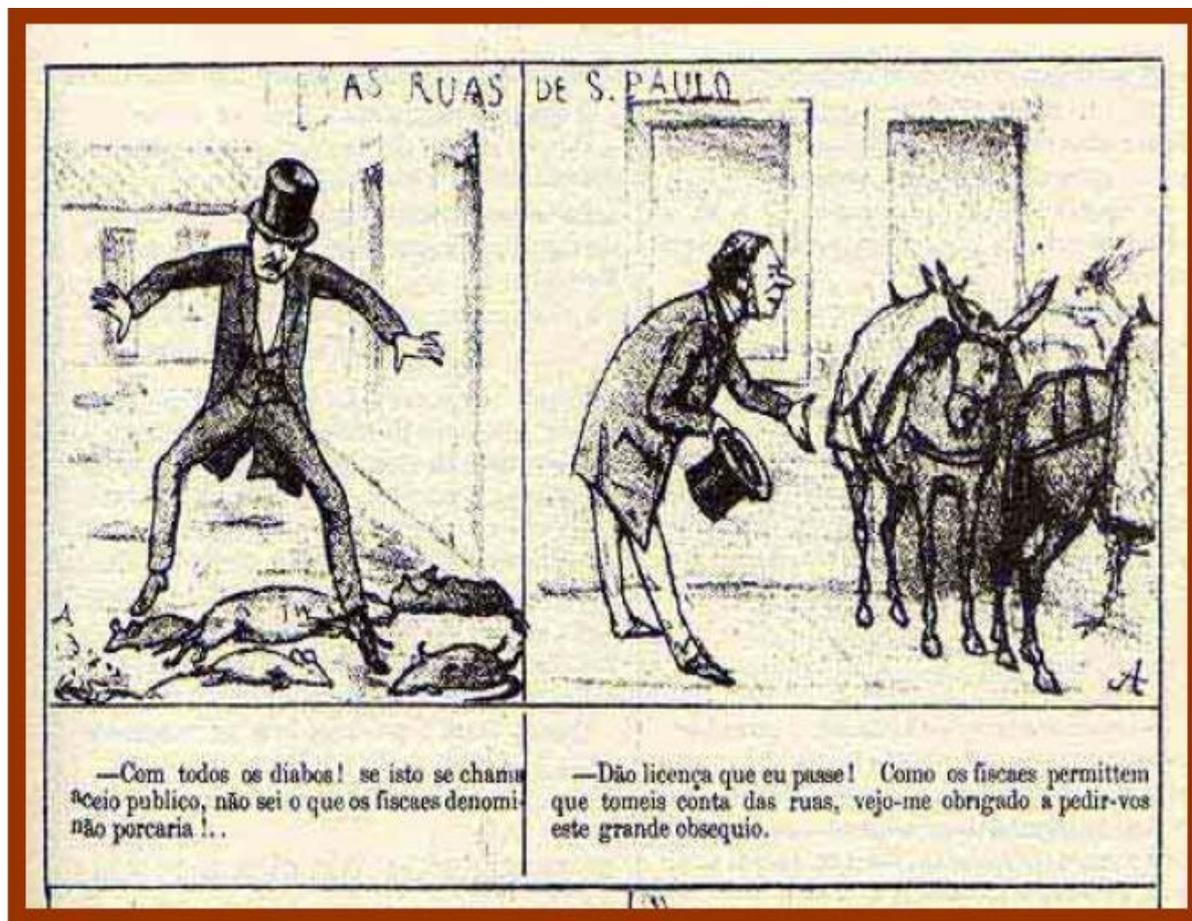
Neste sentido, encontrávamos no trabalho de Aprobato que “dos bois de carros às mulas de tropas, passando por uma infinidade de outras espécies” circulavam pela cidade. E prossegue “São Paulo de fins do século XIX e primeiros anos do XX era uma cidade repleta de animais, animais que eram parte intrínseca da vida cotidiana, que dividiam e ‘invadiam’ espaços e que, muitas vezes, causavam incômodos aos homens mais abastados.”<sup>51</sup>.

---

<sup>50</sup> APROBATO. op. cit. p. 51.

<sup>51</sup> APROBATO in SANTO, 2000, p. 51

**Figura 1:** *Cabrião – Seminário humorístico editado por Ângelo Agostini, Américo de Campos e Antônio Manoel dos Reis. 1866-1867.* “Cronistas e caricaturistas da época, como aqueles que apresentavam a peculiaridade de suas visões no Cabrião e no Diabo Coxo, usavam direta ou indiretamente os animais como acessórios para crítica da cultura, sociedade de política e do poder público municipal”.<sup>52</sup>



Fonte: APROBATO in SANTO, 2000, p. 51

A respeito da presença desses animais no cotidiano da cidade, Americano relata que eram os cavalos e burros que faziam a patrulha montada, conduziam os caminhões de lixo e puxavam os bondes da época:

Os ruídos das patas dos cavalos da patrulha montada (o tenente e o ordenança) são diversos dos cavalos do caminhão de lixo, acompanhados pelo barulho das rodas com aros de ferro e das latas atiradas à calçada depois de vazias, diferem dos do cavalo do fiscal do lixo. Também dos burros das carroças de irrigação.

Escutei o bonde da Companhia Viação Paulista passando na Rua Vitória, misturando o ruído das rodas sobre trilhos, o barulho das patas dos animais e o das campainhas que trazem no pescoço.

<sup>52</sup> IDEM.

Dois gatos (ou milhares de gatos) faziam uma gritaria infernal, que começou com um vagido de criança. Despertado pelos gatos, um cachorro late desesperadamente.<sup>53</sup>

**Figura 2:** "Bonde à tração animal. São Paulo (SP), 1895.



**Fonte:** Acervo: Divisão de Iconografia e Museus/DPH/PMSP. Acervo digital: Museu da Imigração do Estado de São Paulo.

Até o início da vida dos bondes elétricos muitas atividades na cidade, como registra Americano, e apesar do bonde do seu relato possuir essa nova tecnologia, eram feitas por tração animal, por cavalos ou burros. Em São Paulo não foi fácil devido às disputas judiciais entre as empresas Cia. Viação Paulista e Light & Power, esta última inaugurou o primeiro bonde elétrico da cidade em 1900, que trafegou pelo centro da cidade, saindo da Alameda

<sup>53</sup> AMERICANO. op. cit. p 45 E 46.

Barão de Limeira. Era o primeiro bonde que utilizava força elétrica na cidade<sup>54</sup>.

Para manter esse tipo de transporte com tração animal, era necessário um grande número de estábulos e cocheiras. Este tipo de construção não foi esquecido no Código Sanitário do ano de 1894<sup>55</sup>:

CAPÍTULO XVI:

COCHEIRAS E ESTÁBULOS

**Artigo 337.** - Os estábulos ou cocheiras devem ficar sempre isolados e afastados das habitações.

**Artigo 339.** - O chão das cocheiras deverá ser revestido de camada impermeável e resistente e deverá ter inclinação necessária para escoamento dos resíduos líquidos e das águas de lavagens.

**Artigo 340.** - As paredes deverão ser revestidas de camada impermeável até 1 metro e meio, pelo menos, acima do solo.

Porém, ao encontrarmos fotografias de cocheiras e estábulos, já do começo do século XX, observamos algumas diferenças em suas construções, bem como uma grande diversidade do local em que estavam instalados:

---

<sup>54</sup> SÁLVIO, Marco A. C. A cidade e as máquinas: bondes e automóveis nos primórdios da metrópole paulista (1900-1930). São Paulo: Annablume, 2010. p. 55 e 63.)

<sup>55</sup> O Código Sanitário do Estado de São Paulo de 1894 está disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/1894/decreto-233-02.03.1894.html>>. Acesso em: 01/01/2019.

**Figura 3:** Área externa dos estábulos localizados à rua Augusta [na altura da rua Fernando de Albuquerque], provavelmente no terreno ocupado posteriormente pela Subestação Rua Augusta, destinados às mulas empregadas no serviço de bonde à tração animal. 24/06/1901.



**Fonte:** Acervo: Fundação Energia e Saneamento.

**Figura 4:** Fachada dos estábulos do Brás, na Avenida Intendência Celso Garcia. Instalações destinadas às mulas empregadas no serviço de bonde à tração animal, incorporada pela empresa na fase inicial. 19/06/1901.



**Fonte:** Acervo: Fundação Energia e Saneamento.

Assim a cidade de São Paulo passava por uma grande transformação na virada do século XIX para o XX. Crescimento populacional, desenvolvimento industrial e uma grande urbanização, mas tudo isso com um convívio muito intenso com a natureza da época, onde o rural e o urbano, que muitas vezes não estavam separados, faziam-se presentes na vida da população.

## Referências:

- AMERICANO, Jorge. São Paulo naquele tempo (1895–1915). São Paulo: Editora Saraiva, 1957.
- APROBATO FILHO, Nelson. O couro e o aço sob a mira do moderno: a “aventura” dos animais pelos “jardins” da Paulicéia final do século XIX/início do XX. São Paulo, Tese Doutorado, Universidade de São Paulo, 2006.
- ATIQUÊ, F.; SOUSA, Diógenes; GESSI, Hennan. Uma relação concreta: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 23, p. 91-109, 2015.
- BIONDI, Luigi. Na construção de uma biografia anarquista: os últimos anos de Gigi Damiani no Brasil. In: REIS, Daniel Aarão; DEMINICIS, Rafael Borges (Orgs). História do anarquismo no Brasil, vol. 1. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.
- BREFFÉ, Ana Cláudia Fonseca. *A cidade inventada: A Paulicéia Construída nos Relatos Memorialistas (1870- 1920)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, 1993.
- CAMPOS, Cristina. A promoção e a produção de redes de água e esgotos na cidade de São Paulo, 1875-1892. In: Anais do Museu Paulista. São Paulo, v. 13, n. 2, p. 189-232, jul-dez 2005.
- CERASOLI, Josianne Francia. Modernização no plural: obras públicas, tensões sociais e cidadania em São Paulo na passagem do século XIX para o XX. Campinas, Tese Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2004.
- DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. 2 Ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- DOMENICIS, Bianca Melzi de. Os cortiços e o urbanismo sanitário de São Paulo no final do século XIX. São Paulo, Dissertação Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP, 2014.
- MARTINEZ, Paulo Henrique. História ambiental no Brasil: pesquisa e ensino. São Paulo: Editora Cortez, 2006.
- MOURA, Soraya (Org.). Memorial do Imigrante. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.
- PENTEADO, Jacob. Belenzinho, 1910: retrato de uma época. São Paulo: Carrenho Editorial/Narrativa Um, 2003.
- PINTO, Maria Inez Machado Borges. Cotidiano e Sobrevivência. A vida do trabalhador pobre na cidade de São Paulo (1890-1914). São Paulo: Edusp, 1994.
- REIS, Phelippe Arthur dos. Construir, morar e viver para além do centro de São Paulo: os setores médios entre a urbanização e as relações sociais do Brás (1870-1915). São Paulo. Dissertação Mestrado. Universidade de São Paulo, 2017.
- ROLNIK, Raquel. A cidade e a lei: legislação, política urbana e território na cidade de São Paulo. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp, 1997. (Coleção Cidades Abertas)
- SÁLVIO, Marco A. C. A cidade e as máquinas: bondes e automóveis nos primórdios da metrópole paulista (1900-1930). São Paulo: Annablume, 2010.
- SANT’ANNA, Denize Bernizzi de. Cidade das Águas: uso de rios, córregos, bicas e chafarizes em São Paulo (1822-1901). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2007.
- SANTOS, Carlos José Ferreira dos. Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1895. 4 Ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.

SEVCENKO, Nicolau. Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SIMÃO, Azis. *Sindicato e Estado: Suas Relações na Formação do Proletariado de São Paulo*. São Paulo: Dominus/Edusp, 1966.

**Fotografias:**

Acervo digital da Fundação Energia e Saneamento.

Artigo recebido em 18/01/2021 e aprovado em 18/02/2021.